

BEATIFICAÇÃO

Álvaro del Portillo

Madri, 27-28 de setembro de 2014



- [1. Carta do Papa Francisco a Mons. Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, por ocasião da beatificação de Álvaro del Portillo](#)
- [2. Homilia do Cardeal Angelo Amato](#)
- [3. Palavras de D. Javier Echevarría após a Beatificação](#)
- [4. Palavras finais do Cardeal Rouco na Beatificação](#)
- [5. Homilia de D. Javier Echevarría na Missa de Ação de graças pela beatificação de Álvaro del Portillo](#)

1. Carta do Papa Francisco a Mons. Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, por ocasião da beatificação de Álvaro del Portillo

Querido irmão:

A beatificação do servo de Deus Álvaro del Portillo, fiel colaborador e primeiro sucessor de São Josemaria Escrivá à frente do *Opus Dei*, representa um momento de especial alegria para todos os fiéis dessa Prelazia, bem como para ti, que durante tanto tempo foste testemunha do seu amor a Deus e aos demais, da sua fidelidade à Igreja e à sua vocação. Eu também desejo unir-me à vossa alegria e dar graças a Deus que embeleza o rosto da Igreja com a santidade dos seus filhos.

A sua beatificação terá lugar em Madri, cidade em que nasceu e na qual transcorreu sua infância e juventude, com uma existência forjada na simplicidade da vida familiar, na amizade e no serviço aos outros, como quando percorria os bairros para ajudar na formação humana e cristã de tantas pessoas necessitadas. E nessa cidade teve lugar sobretudo o acontecimento que selou definitivamente o rumo da sua vida: o encontro com São Josemaria Escrivá, de quem aprendeu a enamorar-se cada dia mais de Cristo. Sim, enamorar-se de Cristo. Este é o caminho de santidade que todo cristão deve percorrer: deixar-se amar pelo Senhor, abrir o coração ao seu amor e permitir que seja Ele quem dirija a nossa vida.

Gosto de recordar a jaculatória que o servo de Deus costumava repetir com frequência, especialmente nas comemorações e nos aniversários pessoais: “obrigado, perdão, ajuda-me mais!”. São palavras que nos aproximam da realidade da sua vida interior e do seu trato com o Senhor, e que também podem ajudar-nos a nós a dar um novo impulso à nossa própria vida cristã.

Em primeiro lugar, *obrigado*. É a reação imediata e espontânea que a alma sente perante a bondade de Deus. Não poderia ser de outro modo pois Ele sempre nos precede. Por muito que nos esforcemos, seu amor chega sempre antes, nos toca e acaricia primeiro, nos antecede sempre. Álvaro del Portillo era consciente dos muitos dons que Deus lhe concedeu, e dava graças a Deus por essa manifestação de amor paterno. Mas não ficou nisso; o reconhecimento do amor do Senhor despertou no seu coração desejos de segui-lo com maior entrega e generosidade, e de viver uma vida de humilde serviço aos demais. Destacava-se especialmente o seu amor à Igreja, esposa de Cristo, à qual serviu com um coração despojado de interesses mundanos, longe da discórdia, acolhedor para com todos e buscando sempre o lado positivo nos demais, o que une, o que constrói. Nunca uma queixa ou crítica, nem sequer nos momentos especialmente difíceis, quando, como aprendeu de São Josemaria, respondia sempre com a oração, o perdão, a compreensão, a caridade sincera.

Perdão. Frequentemente manifestava que se via diante de Deus com as mãos vazias, incapaz de corresponder a tanta generosidade. Mas a confissão da pobreza humana não é fruto da desesperança, mas de um confiado abandono em Deus, que é Pai. É abrir-se à sua misericórdia, ao seu amor capaz de regenerar a nossa vida. Um amor que não nos humilha, nem nos afunda no abismo da culpa, mas que nos abraça, nos levanta da nossa prostração e nos faz caminhar com mais determinação e alegria. O servo de Deus Álvaro sabia da necessidade que temos da misericórdia divina e dedicou muitas energias pessoais para animar as pessoas com quem se relacionava a se

aproximarem do sacramento da confissão, sacramento da alegria. Como é importante sentir a ternura do amor de Deus e descobrir que ainda há tempo para amar.

Ajuda-me mais. Sim, o Senhor não nos abandona nunca, sempre está ao nosso lado, caminha conosco e cada dia espera de nós um novo amor. A sua graça não nos faltará, e com a sua ajuda podemos levar o seu nome ao mundo inteiro. No coração do novo beato pulsava o afã de levar a Boa Nova a todos os corações. Por isso percorreu muitos países fomentando projetos de evangelização, sem reparar nas dificuldades, movido pelo seu amor a Deus e aos irmãos. Quem está muito unido a Deus sabe estar muito perto dos homens. A primeira condição para lhes anunciar a Cristo é amá-los, porque Cristo já os ama antes. É preciso sair dos nossos egoísmos e comodidades e ir ao encontro dos nossos irmãos. É ali que o Senhor nos espera. Não podemos ficar com a fé só para nós mesmos, é um dom que recebemos para doar e compartilhar com os demais.

Obrigado, perdão, ajuda-me! Nessas palavras expressa-se a tensão de uma existência centrada em Deus. De alguém que foi tocado pelo maior Amor e vive totalmente desse amor. De alguém que, mesmo experimentando as suas fraquezas e limitações humanas, confia na misericórdia do Senhor e quer que todos os homens, seus irmãos, também a experimentem.

Querido irmão, o beato Álvaro del Portillo envia-nos uma mensagem muito clara, diz-nos que confiemos no Senhor, que Ele é nosso irmão, nosso amigo que nunca nos decepciona e que sempre está ao nosso lado. Anima-nos a não termos medo de ir contra a corrente e de sofrer por anunciar ao Evangelho. Além disso, nos ensina que na simplicidade e cotidianidade da nossa vida podemos encontrar um caminho seguro de santidade.

Peço, por favor, a todos os fiéis da Prelazia, sacerdotes e leigos, bem como a todos os que participam das suas atividades, que rezem por mim, ao mesmo tempo que lhes envio a Bênção Apostólica.

Que Jesus os abençoe e que a Virgem Santa os proteja.

Fraternalmente,

Franciscus

2. Homilia do Cardeal Angelo Amato*

1. «Pastor segundo o coração de Cristo, zeloso ministro da Igreja»¹. Este é o retrato que o Papa Francisco oferece do Bem-aventurado Álvaro del Portillo, bom pastor, que, como Jesus, conhece e ama as suas ovelhas, conduz ao redil as que se perderam, enfaixa as que estão machucadas e oferece a vida por elas².

O novo Bem-aventurado foi chamado desde jovem a seguir Cristo, para tornar-se depois um diligente ministro da Igreja e proclamar em todo o mundo a gloriosa riqueza do seu mistério salvífico: «É ele que nós anunciamos, instruindo cada um, ensinando cada um com sabedoria, a fim de podermos apresentar cada um perfeito em Cristo. Para isso, eu me afadigo e luto, na medida em que atua em mim a sua força»³. E realizou este anúncio de Cristo Salvador com absoluta fidelidade à cruz e, ao mesmo tempo, com uma alegria evangélica exemplar nas dificuldades. Por isso, a Liturgia aplica-lhe hoje as palavras do Apóstolo: «Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós, e completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo em favor do seu Corpo que é a Igreja»⁴.

A serena felicidade diante da dor e do sofrimento é uma característica dos Santos. Além disso, as bem-aventuranças – também aquelas mais árduas, como as perseguições – não são mais que um hino à alegria.

2. São muitas as virtudes – como a fé, a esperança e a caridade – que o Bem-aventurado Álvaro viveu de modo heroico. Praticou esses hábitos virtuosos à luz das bem-aventuranças da mansidão, da misericórdia, da pureza de coração. Os testemunhos são unânimes. Além de destacar-se pela total sintonia espiritual e apostólica com o santo Fundador, distinguiu-se também como uma figura de grande humanidade.

As testemunhas afirmam que, desde criança, Álvaro era «um menino de caráter muito alegre e muito estudioso, que nunca deu problemas»; «era carinhoso, simples, alegre, responsável, bom...»⁵.

Herdou da sua mãe, dona Clementina, uma serenidade proverbial, a delicadeza, o sorriso, a compreensão, o falar bem dos outros e a ponderação ao julgar. Era um autêntico cavalheiro. Não era loquaz. Sua formação como engenheiro conferiu-lhe rigor mental, concisão e precisão para ir imediatamente ao núcleo dos problemas e resolvê-los. Inspirava respeito e admiração.

3. Sua delicadeza no relacionamento estava unida a uma riqueza espiritual excepcional, na qual se destacava a graça da unidade entre a vida interior e o afã apostólico infatigável. O escritor Salvador Bernal afirma que transformou em poesia a prosa humilde do trabalho diário.

Era um exemplo vivo de fidelidade ao Evangelho, à Igreja, ao Magistério do Papa. Sempre que acudia à basílica de São Pedro em Roma, costumava recitar o Credo diante do túmulo do Apóstolo e uma Salve-Rainha diante da imagem de Santa Maria, Mater Ecclesiae.

* Nota: nas citações dos textos litúrgicos seguiu-se a tradução oficial da Conferência Episcopal Brasileira.

¹ Francisco, Breve Apostólico de Beatificação do Venerável Servo de Deus Álvaro del Portillo, Bispo, Prelado do Opus Dei, 27-IX-2014.

² Cf. *Ez* 34, 11-16; *Jo* 10,11-16.

³ *Col* 1, 28-29.

⁴ *Ibid.* 24.

⁵ *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, 2010, vol. I, p. 27.

Fugia de todo personalismo, porque transmitia a verdade do Evangelho e a integridade da tradição, não as suas próprias opiniões. A piedade eucarística, a devoção mariana e a veneração pelos Santos nutriam a sua vida espiritual. Mantinha viva a presença de Deus com frequentes jaculatórias e orações vocais. Entre as mais habituais estavam: *Cor Iesu Sacratissimum et Misericors, dona nobis pacem!*, e *Cor Mariae Dulcissimum, iter para tutum!*; assim como a invocação mariana: *Santa Maria, Esperança nossa, Escrava do Senhor, Sede da Sabedoria*.

4. Um momento decisivo da sua vida foi a chamada ao Opus Dei. Aos 21 anos, em 1935, depois de encontrar São Josemaria Escrivá de Balaguer – que então era um jovem sacerdote de 33 anos –, respondeu generosamente à chamada do Senhor à santidade e ao apostolado.

Tinha um profundo sentido de comunhão filial, afetiva e efetiva com o Santo Padre. Acolhia o seu magistério com gratidão e o dava a conhecer a todos os fiéis do Opus Dei. Nos últimos anos da sua vida, beijava frequentemente o anel de Prelado que lhe tinha presenteado o Papa, para reafirmar a sua plena adesão aos desejos do Romano Pontífice. Particularmente, apoiava as suas petições de oração e jejum pela paz, pela unidade dos cristãos e pela evangelização da Europa.

Destacava-se pela prudência e retidão ao avaliar os acontecimentos e as pessoas; pela justiça para respeitar a honra e a liberdade dos outros; pela fortaleza para resistir às contrariedades físicas ou morais; pela temperança, vivida como sobriedade, mortificação interior e exterior. O Bem-aventurado Álvaro transmitia o bom odor de Cristo – *bonus odor Christi*⁶ –, que é o aroma da autêntica santidade.

5. No entanto, há uma virtude que Monsenhor Álvaro del Portillo viveu de modo especialmente extraordinário, considerando-a um instrumento indispensável para a santidade e o apostolado: a virtude da humildade, que é imitação e identificação com Cristo, manso e humilde de coração⁷. Amava a vida oculta de Jesus e não desprezava os gestos simples de devoção popular, como, por exemplo, subir de joelhos a *Scala Santa* em Roma. A um fiel da Prelazia, que tinha visitado esse mesmo lugar, mas que tinha subido a pé a *Scala Santa*, porque – assim o comentou – se considerava um cristão maduro e bem formado, o Bem-aventurado Álvaro respondeu-lhe com um sorriso, e acrescentou que ele a tinha subido de joelhos, ainda que o ambiente estivesse cheio de pessoas e com pouca ventilação⁸. Foi uma grande lição de simplicidade e de piedade.

Monsenhor del Portillo estava, de fato, “contagiado” pelo espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, que *não veio para ser servido, mas para servir*⁹. Por isso, rezava e meditava com frequência o hino eucarístico *Adoro Te devote, latens deitas*. Da mesma maneira, considerava a vida de Maria, a humilde escrava do Senhor. Às vezes recordava uma frase de Cervantes, das *Novelas Exemplares*: «sem humildade, não há virtude que o seja»¹⁰. E frequentemente recitava uma jaculatória comum entre os fiéis da Obra: «*Cor contritum et humiliatum, Deus, non despicias*»¹¹; não desprezarás, ó Deus, um coração contrito e humilhado.

⁶ 2 Cor 2,15.

⁷ Mt 11, 29.

⁸ Cf. *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, 2010, vol. I, p. 662.

⁹ Mt 20, 28; Mc 10, 45.

¹⁰ Miguel de Cervantes, *Novelas Exemplares*: “A conversa dos cachorros”. Cf. *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, 2010, vol. I, p. 663.

¹¹ Sal 51 [50], 19.

Para ele, como para Santo Agostinho, a humildade era *o lar da caridade*¹². Repetia um conselho que o Fundador do Opus Dei costumava dar, citando umas palavras de São José de Calasanz: «Se queres ser santo, sê humilde; se queres ser mais santo, sê mais humilde; se queres ser muito santo, sê muito humilde»¹³. Tampouco esquecia que um burro foi o trono de Jesus ao entrar em Jerusalém. Os seus companheiros de estudos, além de destacar a sua extraordinária inteligência, recordam a sua simplicidade, a inocência serena de quem não se considera melhor que os outros. Pensava que o seu pior inimigo era a soberba. Uma testemunha assegura que era “a humildade em pessoa”¹⁴.

A sua humildade não era áspera, chamativa, exasperada; mas carinhosa, alegre. Sua alegria nascia da convicção do seu escasso valor pessoal. No início de 1994, o último ano da sua vida na terra, em uma reunião com as suas filhas, disse: «digo-o a vós, e digo-o a mim mesmo. Temos que lutar toda a vida para chegar a ser humildes. Temos a escola maravilhosa da humildade do Senhor, da Santíssima Virgem e de São José. Vamos aprender. Vamos lutar contra o próprio eu, que está constantemente levantando-se como uma víbora, para morder. Mas estamos seguros se estamos perto de Jesus, que é da linhagem de Maria, e é quem esmagará a cabeça da serpente»¹⁵.

Para Dom Álvaro, a humildade era «a chave que abre a porta para entrar na casa da santidade», enquanto que a soberba constituía o maior obstáculo para ver e amar a Deus. Dizia: «a humildade arranca de nós a máscara de papelão, ridícula, que levam as pessoas presunçosas, confiadas em si mesmas»¹⁶. A humildade é o reconhecimento das nossas limitações, mas também da nossa dignidade de filhos de Deus. O melhor elogio da sua humildade foi expressado por uma mulher do Opus Dei, depois do falecimento do Fundador: «quem morreu foi Dom Álvaro, porque o nosso Padre continua vivo no seu sucessor»¹⁷.

Um cardeal testemunha que, quando leu sobre a humildade na Regra de São Bento ou nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, parecia-lhe contemplar um ideal altíssimo, mas inalcançável para o ser humano. Mas, quando conheceu e conviveu com o Bem-aventurado Álvaro, entendeu que era possível viver a humildade de uma maneira total.

6. Podem-se aplicar ao Bem-aventurado as palavras que o Cardeal Ratzinger pronunciou em 2002, por ocasião da canonização do Fundador do Opus Dei. Falando da virtude heroica, o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé disse: «Virtude heroica não significa exatamente que uma pessoa levou a cabo grandes coisas por si mesmo, mas que na sua vida aparecem realidades que não foram realizadas por ele, porque ele se mostrou transparente e disponível para que Deus atuasse [...]. Isso é a santidade»¹⁸.

¹² Santo Agostinho, *De sancta virginitate*, 51.

¹³ São Josemaria Escrivá, palavras recolhidas em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. I, Rialp, Madrid 1997, p. 18.

¹⁴ *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis*, 2010, vol. I, p. 668.

¹⁵ *Ibid.* p. 675.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*, p. 705.

¹⁸ *Ibid.*, p. 908.

Esta é a mensagem que nos entrega hoje o Bem-aventurado Álvaro del Portillo, «pastor segundo o coração de Jesus, zeloso ministro da Igreja»¹⁹. Convida-nos a sermos santos como ele, vivendo uma santidade amável, misericordiosa, afável, mansa e humilde.

A Igreja e o mundo necessitam do grande espetáculo da santidade, para purificar, com o seu aroma agradável, a podridão dos muitos vícios ostentados com arrogante insistência.

Agora, mais do que nunca, necessitamos de uma ecologia da santidade, para combater a contaminação da imoralidade e da corrupção. Os santos convidam-nos a introduzir no seio da Igreja e da sociedade o ar puro da graça de Deus, que renova a face da terra.

Que Maria, Auxílio dos Cristãos e Mãe dos Santos, nos ajude e nos proteja.

Bem-aventurado Álvaro del Portillo, rogai por nós.

Amém.

¹⁹ Francisco, Breve Apostólico de Beatificação do Venerável Servo de Deus Álvaro del Portillo, Bispo, Prelado do Opus Dei, 27-IX-2014.

3. Palavras de D. Javier Echevarría após a Beatificação

Ao acabar esta solene celebração, desejo manifestar o meu mais profundo agradecimento à Santíssima Trindade pelo dom que hoje fez a toda a Igreja. A elevação aos altares de D. Álvaro del Portillo, sucessor de S. Josemaria Escrivá, recorda-nos de novo ao chamamento universal à santidade, proclamado com grande força pelo Concílio Vaticano II. A trajetória terrena do bem-aventurado Álvaro mostra-nos que o cumprimento cabal dos próprios deveres marca o caminho da santificação pessoal, que conduz à plena união com Deus, a que todos devemos aspirar.

Dou graças também à Santíssima Virgem, através de cuja mediação materna chegam a nós todos os dons do Céu. Rogo à Mãe de Deus e Nossa Mãe que continue a interceder por todos, por cada uma e por cada um, para que percorramos até ao fim o nosso caminho de santificação. Suplicamos-lhe de modo particular pelas irmãs e irmãos nossos que, em diversas partes do mundo, sofrem perseguição e inclusive o martírio por causa da fé.

A minha gratidão vai também para o Santo Padre Francisco pela sua paternal mensagem, pela sua proximidade e pelos claros conselhos para a luta espiritual dos cristãos. Com profunda gratidão dirijo-me ao Cardeal Ângelo Amato, Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, que, em nome do Papa, com tanta dignidade e afeto procedeu à beatificação. Peço a todos que este agradecimento se manifeste numa oração diária, constante, esforçada, pela Pessoa e as intenções do Romano Pontífice, pelos Bispos e sacerdotes. Tenhamos muito presente a iminente Assembleia do Sínodo dos Bispos. Supliquemos ao Espírito Santo que ilumine os Padres sinodais nas suas reflexões, para bem da Igreja e das almas.

Considero-me devedor de um especial agradecimento a Bento XVI, que abriu o caminho desta beatificação com o reconhecimento das virtudes heróicas de D. Álvaro; também ao Cardeal Antonio María Rouco, Arcebispo de Madri, que com tanto empenho seguiu os trâmites da Causa ao longo destes anos. Agradeço, por fim a presença de tantos Cardeais, Bispos e sacerdotes. Para todos, a beatificação de D. Álvaro del Portillo tem um significado especial pela fidelidade com que viveu o seu serviço direto à Igreja, ao longo de muitos anos. Não esqueço, também, que é um dos colaboradores do Papa na Cúria Romana que, tendo participado ativamente no Concílio Vaticano II, foi declarado Bem-aventurado.

Imagino a alegria – parte da glória acidental – que terão no Céu os santos Pontífices João XXIII e João Paulo II, e o próximo bem-aventurado Paulo VI, a quem D. Álvaro serviu com fidelidade plena e tratou com afeto filial. E agrada-me muito sinceramente pensar de modo especial na alegria de São Josemaria Escrivá, ao ver que este seu filho fidelíssimo foi proposto como intercessor e exemplo a todos os fiéis.

Agradeço vivamente aos membros do coro e da orquestra, que nos ajudaram a viver mais a fundo a sagrada liturgia, e a todos os presentes: com as vossas respostas e vossos cânticos elevastes uma magnífica sinfonia ao Céu.

Nunca acabaria de manifestar a minha gratidão e quem dedicou horas e horas de trabalho alegre para preparar a celebração. Um agradecimento particular para os profissionais dos meios de comunicação, que tornaram possível que tantas pessoas em todo o mundo tenham podido participar nos seus países nesta cerimônia.

Agradecimentos também muito especiais aos que preparam – com a sua oração e o seu sacrifício – os abundantes frutos espirituais destes dias.

Concretamente aos doentes e aos que, por diversos motivos, não puderam acompanhar-nos fisicamente. Contudo, espiritualmente, estiveram muito unidos a nós, com o oferecimento das suas doenças ou das suas ocupações. A todos, um muito obrigado! E que o exemplo e a intercessão do novo bem-aventurado nos animem a percorrer sem tréguas, cheios da alegria cristã, o caminho da santidade.

4. Palavras finais do Cardeal Rouco na Beatificação

Na conclusão da cerimônia solene da beatificação, dou graças a Deus pelas muitas maravilhas que operou na pessoa do Bem-aventurado. Álvaro del Portillo e, através da sua fidelidade, na de tantas mulheres e homens de todo o mundo.

A minha gratidão estende-se a Sua Santidade o Papa Francisco que quis que esta beatificação se realizasse nesta querida Arquidiocese de Madri, pois, atrevo-me a dizer, que o Bem-aventurado Álvaro del Portillo é particularmente nosso e do céu nos abençoa especialmente; e porque tinha estas raízes profundas foi e soube ser cidadão do mundo, desses cinco continentes por onde viajou, maravilhosamente representado nesta assembleia em oração.

Nesta cidade o novo Bem-aventurado recebeu o Batismo e a Confirmação, fez a Primeira Comunhão e, graças também à educação recebida na família e no colégio, cresceu desde jovem o seu amor a Jesus Cristo. Estudou e licenciou-se em engenharia civil, ao mesmo tempo, evangelizando os mais pobres nos bairros pobres daquela cidade, capital de Espanha, que, num processo incessante de expansão urbana e demográfica, refletia os graves problemas sociais, humanos e religiosos de uma época – a primeira metade do séc. XX – da história de Espanha e da Europa particularmente dramáticas.

Ainda em Madri, em plena juventude e depois de conhecer São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei, o Bem-aventurado secundou com prontidão o chamamento de Deus para procurar a santidade no meio do mundo através da santificação do trabalho profissional e a dedicação ao apostolado.

Também nesta cidade e nos anos convulsos da Guerra Civil teve oportunidade de dar testemunho do seu amor e fidelidade a Cristo, tanto no difícil e arriscado trabalho de catequese, como nos meses que passou na cadeia. Em 1944, o Bem-aventurado Álvaro del Portillo recebeu a ordenação como presbítero do meu predecessor D. Leopoldo Eijo y Garay.

A Igreja particular de Madri é sensível às necessidades da Igreja universal. Se bem que o Bem-aventurado Álvaro fosse para Roma em 1946, nem por isso deixamos de considerá-lo madrileno. Como igreja diocesana sentimos orgulho da sua ajuda fiel a São Josemaria na difusão da mensagem do Opus Dei por todo o mundo e da sua contribuição para o Concílio Vaticano II. Do seu talento exemplar em suceder com humildade e fidelidade ao Fundador e do exercício do seu ministério episcopal em união com o sucessor de Pedro e com o colégio episcopal.

Esta cerimônia em que se reuniram pessoas do mundo inteiro recorda-me outra celebração festiva e universal, a Jornada Mundial da Juventude em Madri, que trouxe uma chuva de graças para todos e particularmente para a nossa cidade. Naqueles dias de Agosto de 2012, presididos pelo Papa Bento XVI estariam aqui muitos dos presentes, acompanhados também pelo coro que hoje atuou.

O rasto do novo Bem-aventurado está muito presente em Madri. Não só nem principalmente por razões históricas. Também pela influência da sua vida e escritos nos corações de tantos fiéis desta Arquidiocese. E pelo bem espiritual e social que realizam tantas iniciativas que lhe devem o primeiro impulso. Que a intercessão do Bem-aventurado Álvaro del Portillo continue a protegê-las!

Quero recordar o meu relacionamento pessoal com o Bem-aventurado Álvaro, por exemplo, por ocasião do Sínodo dos Bispos de 1990, percebi quanto se destacava a sua bondade, serenidade e

bom humor "Na Comunhão da Igreja": sim o Bem-aventurado Álvaro lembra-me o meu lema episcopal: "In Ecclesiam Communionem". Amava a Igreja e por isso era um homem de comunhão, de união, de amor.

Peço a Nossa Senhora da Almudena que também nós, como fiéis proclamadores do Evangelho, saibamos corresponder ao chamamento do Senhor para servir os homens e mulheres do nosso tempo.

5. Homilia de D. Javier Echevarría na Missa de Ação de graças pela beatificação de Álvaro del Portillo

“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei”: “*ut diligátis invicem, sicut diléxi vos*” (Jo 15, 12).

Estas palavras do Evangelho ressoam na minha alma, hoje, com uma nova alegria, considerando que a multidão presente aqui ontem, em comunhão com o Papa Francisco e todos os que nos acompanhavam dos quatro pontos cardeais, não era exatamente uma multidão, mas uma reunião de família, unida pelo amor a Deus e pelo amor de uns pelos outros. Este mesmo amor também se torna mais forte hoje na Eucaristia, na Missa de ação de graças pela beatificação do nosso queridíssimo D. Álvaro, Bispo Prelado do Opus Dei.

1. O Senhor, ao instituir a Eucaristia, deu graças a Deus Pai pela sua eterna bondade, pela criação que saiu das suas mãos, pelo seu misterioso desígnio de salvação. Agradecemos esse amor infinito que se manifestou na cruz e se antecipou no Cenáculo. E perguntamos ao Senhor como proceder para amar como Tu nos amaste? Para amar como amaste a Pedro e a João, a cada um de nós, e também a São Josemaria e ao Bem-aventurado Álvaro.

Olhando para a vida santa de D. Álvaro, descobrimos a mão de Deus, a graça do Espírito Santo, **o dom de um amor que nos transforma**. E incorporamos na nossa alma essa a oração de São Josemaria tantas vezes repetida pelo novo Bem-aventurado, "Dá-me, Senhor, o amor com que queres que Te ame"¹, e assim saberei amar os outros com o Teu Amor, e com o meu pobre esforço. Os outros irão descobrir através da minha vida a bondade de Deus, como no caminhar diário de D. Álvaro: já neste amado Madri, era visível a misericórdia divina através da sua solidariedade para com os mais pobres e abandonados. A segunda leitura enche-nos de alegria, ao recordar-no a presença de Cristo em nós, que nos reveste “de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência” (Col 3, 12).

Queridos irmãos e irmãs, vamos agradecer a Deus pedindo-Lhe mais amor. Na plenitude da juventude, quando tinha 25 anos, D. Álvaro foi "*saxum*" rocha, de São Josemaria. Com a sua humildade, ele escreveu um dia numa carta ao fundador do Opus Dei estas palavras. "Espero que, apesar de tudo, possa ter confiança naquele que, em vez de rocha é barro sem qualquer consistência. Mas o Senhor é tão bom!"². Essa confiança na bondade divina pode empapar toda a nossa existência. "Louvarei o Vosso nome, Senhor pela Vossa bondade e fidelidade", rezámos no salmo (Sl 138 [137], 2). E a nossa gratidão eleva-se à Santíssima Trindade porque permanece conosco, com a Sua Palavra, o próprio Jesus Cristo (cf. Col 3, 16) e com o Seu Espírito, que nos enche de alegria (cf. Jo 15, 11, Lucas 11, 13), permite-nos dirigirmo-nos a Deus dizendo, cheios de confiança, "Abba Pater": "Pai! Papai".

2. "A *trindade* da terra levar-nos-á à Trindade do Céu"³, repetia D. Álvaro de acordo com a experiência e ensinamentos do fundador do Opus Dei. Jesus, Maria e José conduzem-nos ao Pai e

¹ São Josemaria Escrivá, *Forja*, n. 270.

² Bem-aventurado Álvaro del Portillo, Carta a São Josemaria, Olot, 13 de julho de 1939.

³ Bem-aventurado Álvaro del Portillo, Carta Pastoral, 30 de setembro de 1975.

ao Espírito Santo; na humanidade santa de Jesus descobrimos, indissolivelmente unida, a divindade⁴.

A Sagrada Família! Nas palavras da primeira leitura, bendizemos ao Senhor "que exaltou os nossos dias desde que nascemos e nos tratou segundo a sua misericórdia" (Eclesiastes 50, 22). O texto sagrado diz-nos que já antes do nascimento Deus nos amou. Vem à mente o poema que Virgílio dirigiu a uma criança recém-nascida "*Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem*" (Virgílio, Écloga IV, 60), "A criança pequena, começa a reconhecer a mãe pelo seu sorriso". A criança vai descobrindo o universo, na face da sua mãe, cheia de amor. Naquele sorriso que o acolhe, o novo ser acabado de vir ao mundo descobre um reflexo da bondade de Deus.

Neste dia, que o Santo Padre Francisco dedica à oração pela **família**, unimo-nos às súplicas de toda a Igreja por essa "*communio dilectionis*" essa "comunhão de amor"⁵, essa "escola do Evangelho"⁶, que é a família, como disse Paulo VI, em Nazaré. A família, com o "profundo dinamismo interior do amor"⁷ tem uma grande "fecundidade espiritual"⁸, como ensinou São João Paulo II, a quem o Bem-aventurado Álvaro esteve unido por uma amizade filial.

Agradecendo a D. Álvaro, agradecemos aos seus pais, que o acolheram e educaram, que prepararam nele um coração simples e generoso para receber o amor de Deus e responder ao seu chamamento. "Este é o Meu mandamento: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei"; assim era D. Álvaro, um homem cujo sorriso louvava a Deus, que "faz grandes coisas" (Eclesiastes 50, 22), e que contou com ele para servir a Igreja estendendo o Opus Dei, como filho fiel e sucessor de São Josemaria.

Rezamos para que haja muitas famílias que sejam "lares... luminosos e alegres... como foi o da Sagrada Família"⁹, como dizia São Josemaria. A nossa gratidão eleva-se a Deus pelo dom da família, reflexo do eterno amor trinitário, lugar onde cada um sabe que é amado por si mesmo, como é. Agora, agradecemos a todos os pais e mães que estão aqui reunidos, e a todos os que cuidam de crianças, de idosos, de doentes.

Famílias: o Senhor ama-vos, o Senhor está presente no vosso casamento, imagem do amor de Cristo pela Sua Igreja. Eu sei que muitos se dedicam generosamente a apoiar outros casais no seu caminho de fé, para ajudar muitos outros casais para ir para a frente num contexto social muitas vezes difícil e até mesmo hostil. Coragem! O seu trabalho de testemunho e de evangelização é necessário para o mundo. Lembrem-se que, como o amado Papa Bento XVI disse: "A fidelidade no tempo é o nome do amor"¹⁰.

3. "Sejam agradecidos", como São Paulo nos exorta (Col 3, 15). O Bem-aventurado Álvaro, pensando no que devia a São Josemaria, afirmou que "a melhor mostra de agradecimento consiste em fazer bom uso dos dons recebidos"¹¹. Em sua pregação, em reuniões, em encontros pessoais, em todos os lugares, nunca deixou de falar de apostolado e de evangelização. Para permanecer no

⁴ Cf. Bem-aventurado Álvaro del Portillo, Carta Pastoral por ocasião do Jubileu de Ouro da fundação do Opus Dei, 24 de setembro de 1978.

⁵ Venerável Paulo VI, Discurso em Nazaré, 5 de Janeiro de 1964.

⁶ Ibidem.

⁷ João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 41.

⁸ Ibidem.

⁹ São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 22.

¹⁰ Bento XVI, Homilia em Fátima, 12 de maio de 2010.

¹¹ Bem-aventurado Álvaro del Portillo, Carta Pastoral, 1 de julho de 1985.

amor de Deus que recebemos, devemos compartilhá-lo com outras pessoas; a bondade de Deus tende a difundir-se. O Papa Francisco disse que "na oração, o Senhor nos faz sentir este amor, mas também através de tantos sinais que podemos ler na nossa vida, através de tantas pessoas que põe no nosso caminho. E a alegria do encontro com ele e da Sua chamada leva a não se fechar, mas a abrir-se; leva ao serviço na Igreja"¹².

"Não fostes vós que me escolhesteis, eu é que vos escolhi" (Jo 15, 16). O Senhor, depois de insistir em que a iniciativa é sempre Sua, no primado do amor, envia-nos a difundir o Seu amor a todas as criaturas: "Eu vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça" (*ibid.*). "*Manete in dilectione mea*": "*Permanecei no meu amor*" (Jo 15, 9). Permanecer no Senhor: é necessário para dar frutos que, por sua vez, deite raízes profundas. Jesus acaba de dizer aos seus discípulos: "Permanecei em mim e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim" (Jo 15, 4).

A multidão destes dias, os milhões de pessoas em todo o mundo, e muitos já esperando por nós no Céu, também atestam a fecundidade da vida de D. Álvaro. Peço-vos, irmãos e irmãs, cresci no amor do Senhor na oração, na Missa e na Comunhão frequente, na confissão sacramental, para que, com a força do da predileção divina, saibais transmitir o que recebemos, e levá-lo a cabo através de um verdadeiro apostolado de amizade e confiança.

Na carta que me escreveu o querido Papa Francisco, por ocasião da beatificação de ontem, ele dizia-nos que "não podemos conservar a fé para nós mesmos, é um dom que recebemos para doar e compartilhar com os outros"¹³; e acrescentou que o Bem-aventurado Álvaro "encoraja-nos a não ter medo de ir contra a corrente e de sofrer por anunciar o Evangelho", e também que "nos ensina, ainda, que na simplicidade e cotidianidade da nossa vida podemos encontrar um caminho seguro de santidade"¹⁴.

Neste caminho, com muitos anjos, a Mãe de Deus acompanha-nos. Maria é Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa e Templo de Deus Espírito Santo. Ela é a Mãe de Deus e nossa Mãe, a Rainha da Família, a Rainha dos Apóstolos. Que Ela nos ajude, como fez com o Bem-aventurado Álvaro, a seguir o convite do Sucessor de Pedro: "Deixar-se amar pelo Senhor, abrir o coração para o Seu amor e deixar que seja Ele quem dirija a nossa vida"¹⁵, como São Josemaria tantas vezes pediu a Nossa Senhora de Almudena muito querida e venerada nesta Arquidiocese. Assim seja.

¹² Francisco, Discurso, Aula Paulo VI, 6 de julho de 2013.

¹³ Francisco, Carta a D. Javier Echevarría, prelado do Opus Dei, por ocasião da beatificação de Álvaro del Portillo realizada em Madri em 27 de setembro de 2014.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.